

GEOGRAFIA DO DESENVOLVIMENTO: NOVOS CAMINHOS

Lucien Maurice Parisse*

Nosso ponto de partida reside numa constatação: poucos Geógrafos se interessam para o que é, o que deveria ser a Geografia do desenvolvimento. Ora, a qualidade do desenvolvimento caracteriza o espaço de vida dos homens, a organização desse espaço. Entretanto, muitos trabalhos existentes focalizam a Geografia do... Subdesenvolvimento¹, isto é, acatam o vocabulário ideológico que divulgaram os Estados Unidos, depois da 2ª Guerra Mundial.

Face a essa situação, nosso primeiro passo será de explicitar o que entendemos por **desenvolvimento**, e depois, de propor **novos caminhos** para a Geografia do desenvolvimento.

1 – OBJETO DA GEOGRAFIA DO DESENVOLVIMENTO: A DINÂMICA DO DESENVOLVIMENTO REAL

Quando se instala a Guerra Fria, em 1947, quando a ideologia comunista começa a seduzir alguns povos que se libertam da dominação colonial, os Estados Unidos oferecem sua Ajuda aos *países Subdesenvolvidos*² para guardá-los, no Mundo Livre. Na verdade, querem abrir os países neo-independentes ao comércio ianque e impedir que o comunismo venha restringir seu mercado exterior. A posição estadunidense é forte. Num Mundo empobrecido, os EUA são o único país que a Guerra enriqueceu. Daí a substituição da pluri-secular ideologia do Progresso pela ideologia do Desenvolvimento, entendido como crescimento econômico, como elevação dos padrões de vida, conforme o modelo dos E.U.A. Esse Desenvolvimento obedece ao lema dos Empresários e Financistas estadunidenses: *Trade not Aid*, isto é, Comércio, sim, Ajuda, não.³

A oposição à essa visão do desenvolvimento provem, de um lado, do modelo comunista divulgado e imposto pela União Soviética, e, de outro lado, de Estudiosos, Militantes, Políticos, inclusive do Papa,... que apontam para outras lógicas e estratégias de ação: focalizam as Populações, os Estados, as Organizações nacionais, como protagonistas insubstituíveis do “desenvolvimento dos povos”.

Hoje, no início dos anos 90, o Sistema planetário se liberta da dialética Mundo livre vs. Mundo Comunista e reforça sua diversidade e sua unidade. É tempo de ultrapassar as ideologias de desenvolvimento dos anos 1950-1980, para enxergar as dinâmicas existentes na realidade mundial presente. Devemos ater-nos a **uma visão crítica do desenvolvimento real**, aquele que, efetivamente, se desdobra sob nossos olhos.

* Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, S.P. – Brasil.

¹ As notas se encontram no fim dessa contribuição.

É a dinâmica do desenvolvimento real das sociedades que é o objeto da Geografia do desenvolvimento. Dinâmica que resulta da ação dos atores geográficos e históricos, ou seja, dos agentes econômicos, políticos, culturais,⁴ dos movimentos sociais, e também, do impacto da Sociedade sobre o meio natural.

Se os empreendimentos desenvolvimentistas sempre se declaram preocupados pela Liberdade, pela Justiça social, pelo Bem-Estar de todos,... na verdade, a realização desses empreendimentos é submetida a articulações, isto é, de interesses. Por isso, a dinâmica do desenvolvimento real se revela plural, instável, - às vezes, contraditória, habitualmente, antagônica, e, sempre, hegemônica. Vejam, por ex., o desenvolvimento do Liberalismo, do Populismo, do Autoritarismo militar, nas Américas Central e Meridional.⁵

2 – CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO REAL

O desenvolvimento corresponde, ante de tudo, a uma realidade que bem conhecemos: **os seres vivos – individuais, sociais desenvolvem**, ou seja, crescem, se reproduzem conforme uma lógica complexa. “O espírito humano se acostumou ao caráter habitual e, globalmente, normal do desenvolvimento do ovo fecundado num embrião cada vez melhor conformado, levando ao nascimento de um novo organismo autônomo. Trata-se, porém, de um fenômeno prodigiosamente complexo, quando procuramos desvendar suas causas”.⁶ Quanto aos seres inanimados, eles não se desenvolvem: evoluem, modificam-se conforme leis físicas. Nossa experiência básica do desenvolvimento é biológica. O desenvolvimento é a própria dinâmica da vida, e, por isso, qualidade, princípio invisível de ordem, organização.

Se o desenvolvimento das sociedades humanas se inscreve no desenvolvimento dos seres vivos, porém, não deixa de corresponder a **uma dinâmica específica** e extremamente diversificada. Cada unidade social tem uma identidade específica, apesar de caracteres comuns. À multiplicidade dessas individualizações coletivas, corresponde a multiplicidade das dinâmicas específicas do desenvolvimento.

O desenvolvimento encontra suas raízes e a fonte de sua dinâmica no querer-viver dos homens, que se exerce na sua **dimensão ecológica**, territorial, e também nas suas **dimensões sociais**. É indissociavelmente dado e projeto, material e espiritual, à imagem do ser humano, “horizonte” do Mundo.

O desenvolvimento nasce das **necessidades vivenciada** pelos homens, - necessidades básicas: alimentar-se, reproduzir-se,... Essas necessidades refletem suas ideologias e se expressam no exemplo, *na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, da Revolução Francesa, e *na Declaração Universal dos Direitos do Homem*, pela UNESCO, em 1948. toda ação que almeja responder adequadamente às necessidades de determinado conjunto social concerne ao desenvolvimento, constitui uma dinâmica de desenvolvimento.

O desenvolvimento provem do “interior” do Homem, de seu dinamismo biológico, mas também, resulta de sua **capacidade de criar técnicas**. Capacidade que se exacerba durante e logo depois da 2ª Guerra Mundial, quando da conhecida Revolução tecnológica, marcada pela Cibernética, a Informática, o teste das Bombas Atômicas, a engenharia das explorações cósmicas... As técnicas passaram a produzir e manter o Estado de Guerra permanente que, então, se instala. Porém, o Estado de Guerra acapara o progresso tecnológico e o desenvolvimento dos povos, o desenvolvimento democrático. Resta que as técnicas e ferramentas testemunhem da humanidade dos Homens e de seu desenvolvimento.

O desenvolvimento nasce da capacidade de mobilização de um povo, conforme suas motivações e seu imaginário coletivo. Resulta do exercício da democracia, do poder do povo e da prática da auto-gestão. Os movimentos sociais determinam o sentido e o impacto das dinâmicas de desenvolvimento. A realização final vem, de certo modo, no segundo plano: a ação desenvolvimentista é, antes de tudo, “um treino permanente para a mudança” (Laclau).

O desenvolvimento faz parte do **processo de “geografização”** que gera e gere o espaço geográfico. Espaço que é princípio de ordem, realidade relacional, qualitativa, individualizada e finalizada pela atuação do Homem. O desenvolvimento, em quanto objeto da Geografia não divide a totalidade dessa ciência. Toda a realidade geográfica é desenvolvimento, como ela é totalmente humana, física, urbana,...

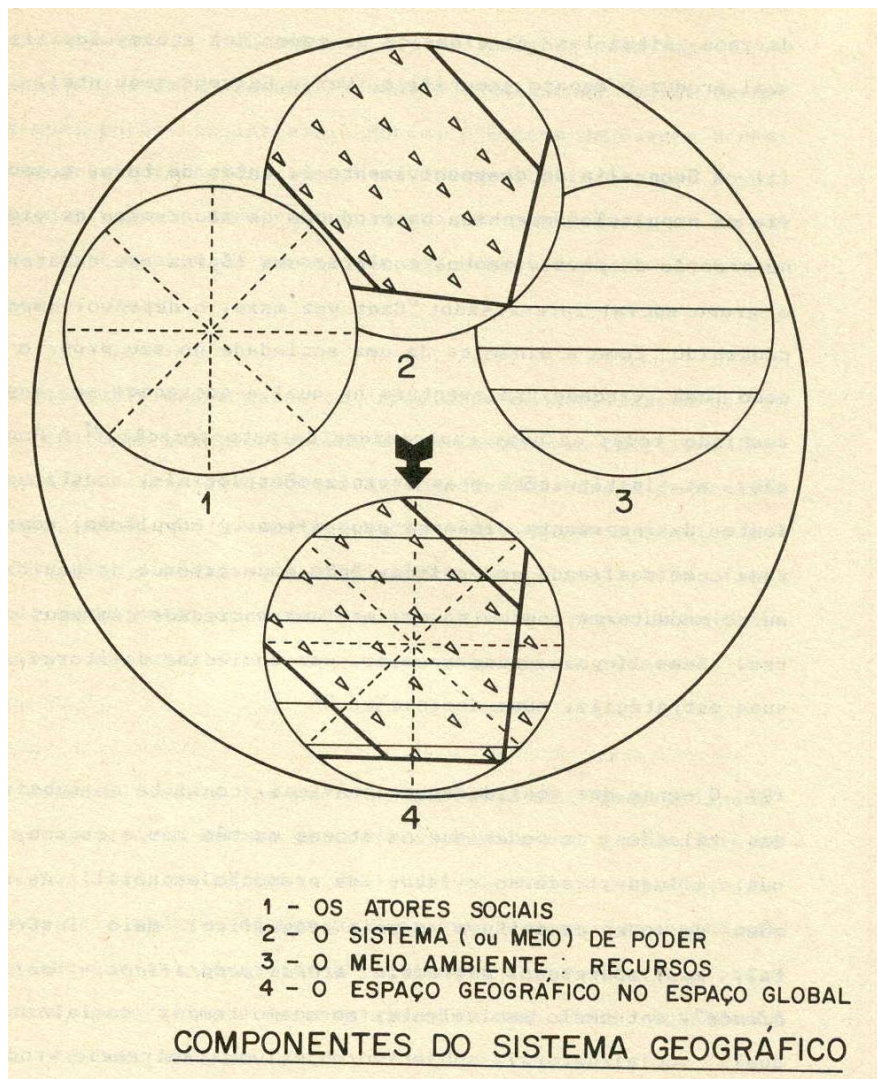
3 – COMPONENTES DA GEOGRAFIA DO DESENVOLVIMENTO

Para propor as grandes linhas da Geografia do desenvolvimento, devemos situá-las na dinâmica de poder dos atores sociais, a qual produz o espaço geográfico (Ver o Esquema seguinte).

A Geografia do desenvolvimento é, antes de tudo, a geografia da população empenhada na produção de seu espaço de vida, e no próprio desenvolvimento, conforme uma lógica que caracteriza o grupo social interessado. “Cada vez mais, o desenvolvimento é concebido como a dinâmica de uma sociedade no seu próprio ser, como uma verdadeira aventura na qual a sociedade se engaja, reunindo todas as suas capacidades de auto-criação”.⁷ A População, as Instituições e as Organizações sociais, constituem a fonte da incessante dinâmica geográfica. A População, considerada como realidade geográfica, “não é um estoque de habitantes ou de produtores-consumidores, mas uma sociedade com seus poderes, suas línguas, suas crenças, uma sociedade de atores, com suas estratégias, suas dominações”.⁸

O cerne das realidades geográficas consiste no subsistema das relações de poder que os atores mantêm com o espaço, - o qual é lugar, recurso e fator da produção espacial. **As relações de poder constituem o meio geográfico: meio instrumental, mas, sobretudo, entremeio “atores geográficos – meio ambiente”,**

entremeio ambivalente, ao mesmo tempo, social/individual, social/natural, subjetivo/objetivo⁹; entremeio produtor da organização espacial e do desenvolvimento que a qualifica. O meio geográfico corresponde a **um processo relacional**, e não a uma função que, simplesmente, apontaria para o resultado da relação. Daí a problemática: como se realiza a relação mesológica de desenvolvimento? Qual seu modo de produção? Qual o papel e o poder dos atores? Qual o papel do espaço e do tempo, realidades sociais diferenciadas que, em grande parte, caracterizam as posições, isto é, as tomadas de posição dos sujeitos geográficos?



Terceiro componente do sistema geográfico de poder: o meio ambiente. Só preexiste virtualmente à ação geográfica de desenvolvimento. São os atores geográficos que o determinam ao selecionarem e apossarem-se dos **recursos ambientais**, - **naturais**, **mas também**, **econômicos**, **políticos**, **ideológicos**, **tecnológicos**, recursos do espaço em vias de remanejo que deixará lugar á nova organização espacial. O espaço ambiente não é “o que está em volta”, mas o

conjunto dos recursos que os atores geográficos escolhem para a reorganização espacial projetada. A captação de recursos inclui relações de competição e de conflitos sociais.

O espaço organizado, conforme a etimologia tradicional, torna-se apto a viver. “Surge o espaço geográfico como esteio de relações, - algumas determinadas a partir de dados do meio físico (arquitetura dos volumes rochosos, clima, vegetação) e outras provenientes das sociedades humanas responsáveis pela organização do espaço em função da densidade demográfica, da organização social e econômica, do nível tecnológico; - numa palavra: de toda essa tessitura pejada de densidade histórica a qual damos o nome de civilização”.¹⁰

3 – MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Explicitada a problemática geográfica do desenvolvimento, resta-nos explicitar **uns caminhos, uns métodos de investigação da Geografia do desenvolvimento**.

Um primeiro caminho consiste na **análise sistêmica do desenvolvimento de determinada totalidade social e de seus diversos subsistemas**, seja na escala local, ou regional, ou nacional, ou planetária. A análise sistêmica visa reconhecer as entradas do sistema e suas saídas, sua estrutura, suas dinâmicas relacionais (internas e com os seus espaços ambientes), sua evolução no tempo, etc.

Outra abordagem possível: a Geografia do desenvolvimento considera a **totalidade dos componentes do Sistema de poder geográfico**, por exemplo, tais como os distinguimos acima: (1) Atores geográficos do desenvolvimento, (2) meio relacional de produção geográfica, (3) recursos ambientais, (4) espaço produzido.

Outro caminho ainda de investigação: limitar-se somente a **um destes componentes**, mas, sem deixar de explicitar as relações que mantem com os demais.

Um quarto método consiste em recorrer à **análise instancial** perfeitamente adaptada à análise de qualquer realidade sistêmica. As instâncias¹¹ são representações e meios de prospecção das realidades complexas. Levam a investigar sua diversidade na unidade, bem como as forças energéticas e informacionais que condicionam e controlam a produção social, em nosso caso, a produção do espaço. Distingue-se, nas Ciências Sociais, três instâncias: **econômica, política e ideológica-cultural**, mas o Geógrafo não deixa de considerar a instância **bio-natural**, ecológica, a da energia planetária, das pirâmides ecológicas, da produtividade natural do meio ecológico, do qual os homens, as populações fazem indissociavelmente parte.

A análise instancial requer não só a consideração de cada instância, mas também, de levar em conta a *sobredeterminação* (Hegel) de cada instância pelas demais.

Com efeito, as instâncias não representam uma simples grade de análise, mas dimensões das sociedades humanas, atores do espaço e do tempo.

4 – GEOGRAFIA DO DESENVOLVIMENTO OU GEOGRAFIA DOS “PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS”?

Nas re-edições de seus dois livros pioneiros: *Les pays sous-développés e Géographie du sous-développement – Géopolitique d’une crise*, Yves Lacoste, com coragem e honestidade intelectual, criticou e aprimorou o conteúdo de suas contribuições.

Estados Unidos e a ONU impuseram: Desenvolvimento/Subdesenvolvimento, Países Desenvolvidos/Países Subdesenvolvidos,... Mais ainda: acata, também, a classificação dos níveis de desenvolvimento destes Países a partir do valor do Produto Nacional Bruto per capita, e, a partir dela, procura definir os limites espaciais e a problemática do Terceiro Mundo. Estas opções nos parece criticáveis.¹²

É verdade que Lacoste, no decurso do tempo, corrigiu “idéias que não (lhe) pareciam mais válidas” e apresentou propostas fundamentais, contribuindo para esclarecer a realidade do desenvolvimento. Por exemplo, afirma *em Os Países subdesenvolvidos*: “se se quiser que uma análise do “Subdesenvolvimento” seja um meio de melhor compreender o mundo,... é no plano de cada Estado que dever ser conduzida. Também, é no quadro de cada Estado, essencialmente,... que as minorias privilegiadas capitalistas podem ser vencidas, umas após outras, por meio de cada movimento nacional e popular”.¹³ Posição fundamental, que reconhece o caráter único do desenvolvimento geográfico e histórico de cada país e de suas dinâmicas sociais.

A última edição francesa dos *países subdesenvolvidos* volta a insistir sobre este ponto: lembra que “não há solução milagrosa, nem remédio rápido, drástico para os problemas do Subdesenvolvimento” e que “importantes vitórias já foram conseguidas contra os fatores do Subdesenvolvimento”. Lacoste acrescenta: “Nessa luta, as idéias-forças as mais mobilizadoras no quadro de cada Estado e as mais eficazes, no plano internacional, são aquelas da democracia, dos direitos do homem e da mulher...Não é de país para outro país que se desdobram as lutas para uma maior democracia, mas no quadro de cada Estado, levantado em conta a especificidade de suas contradições internas, sejam econômicas, políticas e culturais”.¹⁴

Como não aceitar esta visão do desenvolvimento que confirma a necessidade de considerar o desenvolvimento real dos povos, de cada povo? Como esquecer que ninguém desenvolve ninguém? Como não lavar em conta a totalidade do desenvolvimento, que é, simultaneamente, econômico, político, cultural, ideológico, e ecológico? Porque não tirar de nosso vocabulário “o que se convencionou chamar *subdesenvolvimento*”,... “tradução do termo *underdeveloped countries* que fabricaram políticos americanos” (Lacoste)? Por que continuar

falando de Países Subdesenvolvidos ou Desenvolvidos, ou de Geografia do Subdesenvolvimento? Porque não multiplicar e aprimorar os “caminhos” da Geografia do Desenvolvimento?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS

¹ LACOSTE, Y.- *Geografia do Subdesenvolvimento. Geopolítica de uma Crise*. São Paulo, DIFEL, 1985. Original: *Géographie du Dous-Développement. Géopolitique d'une crise*, 3^{ème} éd., 1976.

----- *Os Países Subdesenvolvidos*. São Paulo, DIFEL, 15^a ed., totalmente atualizada, 1981. Original: *Les Pays sous-développés*, 6^{ème} éd.

² Frisamos o conteúdo ideológico dos termos Desenvolvimento, Subdesenvolvimento, Ajuda, Países Desenvolvidos/Subdesenvolvidos, grafando-os com letra inicial maiúscula. Escrevemos desenvolvimento, com inicial minúscula quando o termo tem o seu sentido comum.

³ PARISSE, L. M. – *Dinâmica do Sistema Mundial. Atores Geográficos, Geopolíticas, Desenvolvimento*. Rio Claro, UNESP, *Pro Manuscrito*. Digitado e impresso, 1990.

⁴ LACLAU, E. – Os Novos Movimentos Sociais e a Pluralidade do Social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 1, 2, out. 1986: 42-47.

⁵ TOURAINE, A. – *Palavra e Sangue. Política e Sociedade na América Latina*. São Paulo, Ed. Trajetória Cultural, 1989.

⁶ BEETSCHEN, J. C. – *La génétique du dévelppement*. Paris, PUF, 1984:3.

⁷ PERROUX, F. – *Four une philosophie du nouveau développement*. Paris, Aubier e UNESCO, 1973:30.

⁸ BRUNET, R. – Introdução a: RAFFESTIN, Cl. – *Fara uma Geografia do Poder*. São Paulo, Ática, 1990.

⁹ BERQUE, A. – *L'espace géographique*. Milieu et motivation paysagère. *L'espace géographique*, Paris, XVI, 4, 1987:241-250.

¹⁰ DOLLFUS, O. – *O Espaço Geográfico*. São Paulo, DIFEL, 3^a ed. 1978:8. Original : *L'espace géographique*, Paris, PUF, 1970.

¹¹ ALTHUSSER L. – *A favor de Marx*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979. Trad. D. Lindoso. Original: *Four Marx*, Paris, F. Maspéro ed., 1966.

¹² PAISSE, L. M. – Geografia do Subdesenvolvimento: uma nova etapa no pensamento de Yves lacoste. *Boletim de Geografia Teorética*. Rio Claro, 16-17 (31-34), 1986-1987:422-425.

¹³ LACOSTE, Y. – *Os Faises subdesenvolvidos*, o.c.:118.

¹⁴ LACOSTE, Y. – *Les Pays Sous-Développés*. 7^{ème} édition refondue, Paris, PUF, 1984: 125-126.